

A volta de Cristo, a consumação do mundo e a nova criação

A esperança cristã conforme o Apocalipse

A temática da parusia, da consumação e da nova criação pode ser abordada de forma paradigmática no contexto da história da interpretação do livro de Apocalipse, no qual a esperança cristã é, em grande medida, formulada. Tal abordagem possibilitará o confronto com alguns dos problemas hermenêuticos da escatologia futura em sua dimensão mais coletiva e cósmica.

1. Aspectos da história da interpretação do Apocalipse

1.1. Apocalipse – Seu uso e seu abuso

O Apocalipse de João é um dos livros mais controvertidos de toda a Bíblia. Embora tenha sido e é um consolo para a comunidade cristã atribulada de todos os tempos, ele conta entre os livros mais abusados até hoje. A história da interpretação do Apocalipse é, na verdade, a história do fracasso das incontáveis tentativas de identificação de suas imagens e visões com personagens reais da história antiga e presente. Ela é o resultado do fracasso das especulações apocalípticas dos intérpretes de todos os tempos.

Entre as interpretações consideradas clássicas, contam as seguintes:

1.1.1. A especulação quiliástica de Joaquim de Fiore (ca. 1135-1202)

O ponto de partida é o anúncio dos 1000 anos do Reino de Cristo sobre a terra, encontrado em **Ap 20,1-6**. Joaquim de Fiore dividiu a história do mundo em 3 eras:

a) Era do *Pai*, que durou até o nascimento de Cristo, incluindo toda a história da antiga aliança;

b) Era do *Filho*, que duraria do nascimento de Cristo até o ano de 1260. De Fiore interpretou os 1260 dias de **Ap 12,6** como se cada dia correspondesse à um ano.

c) Para o ano de 1260 – portanto após sua morte – ele preveu o início da Era do *Espírito Santo*, a qual ele identificou com Ap 20,1-6, de modo que duraria 1000 anos. Enquanto que a era do Filho fora regida pelo Papado, a do Espírito Santo seria regida por uma ordem de monges.

É interessante que a especulação apocalíptica de Joachim de Fiore foi retomada séculos mais tarde na época moderna, e ao mesmo tempo secularizada, i.é, foi isolada de seu significado dentro do contexto bíblico e transferida para a esfera publicamente política. Surgia assim o sonho secularizado de um reino terrestre de paz, o qual se deixa evidenciar tanto na declaração da independência americana quanto em escritos de Lenin e Stalin. De um 3. Reino falava também Adolf Hitler. Em todos estes casos retomou-se a periodização da história formulada pela primeira

vez por de Fiore.

1.1.2. Os entusiastas da época da Reforma

Na época da reforma foram principalmente os entusiastas e anabatistas que defenderam uma interpretação unilateral do livro de Apocalipse.

Thomas Müntzer (ca. 1489-1525) defendeu a idéia de que o Reino de Deus deveria ser introduzido à força no mundo por meio da revolução. Sua hermenêutica consistia em ligar a concepção teocrática do AT com as profecias do Apocalipse, para o cumprimento das quais ele mesmo sentia-se chamado. Müntzer via a si mesmo como sendo o ceifeiro que tinha nas mãos uma foice afiada (cf. **Ap 14,14ss**), através da qual ele deveria instaurar o Reino de Deus no mundo.

Tal modelo de interpretação, que tenta resgatar os momentos revolucionários do Apocalipse, afim de tentar realizá-los na esfera política, representou sempre de novo um perigo para a igreja cristã.

1.1.3. Martinho Lutero e a Reforma

Lutero teve enormes dificuldades com o Apocalipse, uma vez, porque via que seu conteúdo estava muito distante do evangelho paulino, outra vez, devido aos muitos abusos dos entusiastas. Embora Lutero tenha relutado em aceitá-lo como parte do cânon bíblico, ele afirmou em 1530 que o anúncio de acontecimentos futuros provêm do Espírito Santo, o qual é, porém, “sem palavras ou interpretação, contendo, porém, apenas figuras e imagens” (WA DB 7,408,4s).

Lutero interpretou o Apocalipse de acordo com o modelo interpretativo baseado na história da Igreja. Lutero via Maomé (i.é, os Turcos) e o Papado como forças anti-cristãs. Os 2 animais de Ap 17 são o papado com poderes estatais e o estado com poderes papais. A prostituta Babilônia de Ap 17 é o Papado e Ap 17,16 ele relacionava ao assim chamado “Sacco di Roma” de 1527 (assalto a Roma por exércitos do imperador). Por causa de seu debate com os entusiastas, Lutero praticamente ignora o milênio como realidade futura. Seguindo o Pai da Igreja Agostinho, ele interpreta o milênio como algo já passado, que teria começado com a declaração do cristianismo como religião oficial do império Romano em 312 d.C, tendo-se estendido aprox. até o ano de 1300. Por esta razão, também os escritos confessionais luteranos rejeitaram o milênio (cf. *Amilenismo*; cf. CA 17).

No contexto protestante, somente *Campegius Vitringa* irá interpretar novamente o milênio como realidade futura, um teólogo que influenciaria posteriormente os pais do Pietismo.

1.1.4. Johann A. Bengel e o Pietismo

O Pietismo deu um valor muito alto ao Apocalipse desde os seus primórdios. Destaque merece *J. A. Bengel* (1687-1752), um dos pais do Pietismo, que via no Apocalipse um livro altamente inspirado, por conter a conclusão da história da salvação. Bengel tentou interpretar este livro relacionando seu conteúdo com dados conhecidos da história mundial e da igreja. Para ele, o juízo trazido pelas trombetas já

havia acontecido nos séc. 2-10 d.C, enquanto que os acontecimentos relatados em Ap 13 teria ocorrido entre o 11. e o 16 séc. d.C. A besta é identificada no Papado de seu tempo. Bengel caiu em certo descrédito devido a seus cálculos em torno do início do milênio, o qual ele datou para o dia 18 de julho de 1836, que não aconteceu.¹ Segundo seus cálculos, baseados na numerologia simbólica da Bíblia, a duração da história do mundo seria de 7777 7/9 anos. Outra característica da interpretação de Bengel é seu *disquilliasmo*, i.é a concepção de que haveria um duplo milênio, um de acordo com Ap 20,1-3 e outro de acordo com 20,4-6. O Pietismo posterior corrigiu estes erros de interpretação.

1.1.5. O Iluminismo

No período do Iluminismo houve grande discenso em torno do livro do Apocalipse. Com a virada antropocêntrica também na teologia, a importância de muitos livros da Bíblia foi reduzida à contribuição que tinham a dar para a ética humanitária. Jesus era visto por muitos apenas ainda como o exemplo supremo de um homem nobre. Como o livro de Apocalipse não contribui nesta direção, *J. S. Semler* afirmou tratar-se de um livro “tenebroso” contendo “figuras e imagens grotescas”, o qual “ninguém entende”, e cuja tônica é “desagradável e nojenta”. A assim-chamada exegese histórico-crítica foi, desde o seu início, marcada por uma forte desvalorização do Apocalipse.

Por isso, muitas interpretações marcadas pelo espírito cartesiano da modernidade, que acaba por excluir a interferência do Deus transcendente na imanência de um mundo cientificamente explicável, declararam as visões e os personagens apocalípticos como mitos e frutos da fantasia humana, os quais deveriam ser desmitologizados. A esperança da volta de Cristo caiu no esquecimento, bem como o temor diante do juízo final. Para o homem racionalista, o juízo acontece neste mundo, e é executado pelo próprio homem e pelas nações. O juízo do mundo é a própria história do mundo.

1.1.6. O apocalipismo como fenômeno moderno e pós-moderno

Em nosso ambiente moderno e pós-moderno do séc. XXI, visões apocalípticas tornaram-se em moda. Cenários apocalípticos são produzidos em grande escala pela indústria cinematográfica. Os conteúdos apocalípticos da Bíblia são ou eliminados, ou aparecem de forma secularizada. Entre possíveis fatores que poderiam desencadear o fim do mundo contam a possibilidade de uma guerra nuclear, a eliminação da camada de ozônio, as conseqüências terríveis da exploração da natureza causada pelo gigantesco progresso industrial, a crise ecológica etc. Não se fala mais da segunda vinda de Cristo.

Centro da apocalíptica secularizada é o medo de uma destruição do mundo humanamente e tecnologicamente provocada, incluindo o temor de que a interrup-

¹ Outros exemplos de pessoas que calcularam o dia do fim: a) Militsch von Kremsier († 1374): 1367; b) Pierre d'Ailly (1350-1420): ano de 4798 depois do dilúvio, resp. ano de 1693; c) Testemunhas de Jeová: preveram muitas datas, as quais revelaram-se sempre como errôneas: 1914; 1918; 1925; 1975.

ta evolução do cósmos seja, de repente, quebrada de modo definitivo e irrecuperável. Filmes de *science fiction* aparecem exercendo a função de tornar tais catástrofes apocalípticas humanamente ou racionalmente imagináveis, e isto através da construção de cenários bizarros, infernais e obscuros, isentos de sentido e dominados por figuras fantasmagóricas do medo e do terror. A apocalíptica secularizada é fruto das fantasias e do medo humanos diante de um futuro incerto. A apocalíptica bíblica é fruto das promessas de um Deus gracioso, que está prestes a consumir a sua história de amor com o cosmos e com a humanidade – seu tom central é: “*Não temas!*”.

Situação típica do clima pós-moderno foi a comemoração da virada do milênio do ano de 1999 para o ano 2000. Enquanto que na virada do 1. milênio (ano 1000), grande parte da população mundial temia ou esperava a segunda vinda de Cristo ou o início do milênio, preparando-se para a virada em atitude de meditação e oração, o homem pós-moderno fez da virada do milênio um caríssimo espetáculo de fogos de artifício e uma grande festa de cunho hedonista, na qual ele deu vasão à sua confiança no progresso da ciência e da tecnologia e na evolução de todas as coisas para um futuro melhor. A virada do 2. milênio não foi, teologicamente avaliando, outra coisa a não ser expressão de uma apocalíptica profundamente secularizada. A seriedade da vida cedeu lugar ao prazer, a espera do Cristo vitorioso cedeu lugar à confiança otimista num mundo melhor que será construído pelos próprios homens. A ascese cedeu lugar à erótica do consumismo moderno. A seriedade da consciência de que o presente século passará, cedeu lugar à trivialidade de uma mudança de milênio que se tornou em um produto consumível.

O clima pós-moderno é marcado pela dissolução aparente dos limites de tempo e espaço em que vivemos através dos meios de comunicação (TV, internet). O homem encontrado nas visões apocalípticas pós-modernas é o homem cosmopolita e multicultural, viajante entre mundos e galáxias distantes, sejam eles reais ou virtuais. O apocalíptico secularizado não tem mais tempo nem mais espaço, mas vagabundeia incessantemente entre os incontáveis mundos virtuais ou reais que se lhe oferecem, dentro dos quais ele perde sua identidade. Seu prazer reside no curtir e saborear de forma macabra as catástrofes, os sofrimentos e o naufrágio da humanidade que lhe são apresentados em filmes ou via internet. Ele é alguém que tem prazer na catástrofe, no crime, no sofrimento das vítimas e na morte violenta e sangrenta. Sua expectativa de futuro é muitas vezes pervertida e marcada por uma ética deturpada e desumanizante. Ela é sádica e vítima de um consumismo inveterado, de modo que a apocalíptica popular moderna tornou-se num grande sucesso de vendas. Quanto à religião, o homem moderno é tendencialmente politeísta ou sincretista, partindo do princípio que todas as manifestações históricas da religião são manifestações do divino. Ele é vítima anônima do ocultismo e do politeísmo esotérico da internet.

Resumindo: *o fim do mundo deixou de ser esperado como uma realidade futura, e passou a ser saboreado hedonisticamente já no presente como realidade meramente virtual que me alcança via telas em meu sofá.*

O desafio de hoje consiste em reconhecer o caráter secularizado das espe-

ranças apocalípticas do homem moderno e pós-moderno e a testemunhar de forma nova o conteúdo da esperança apocalíptica da Bíblia. Fenômenos apocalípticos modernos devem ser avaliados criticamente a partir das escrituras. Temos que procurar “pontos de contato” naquilo que hoje se nos apresenta, afim de que encontremos caminhos de compartilhar a “razão de nossa esperança” (1 Pe 3,15b) também ao homem do séc. XXI.

Ao lado deste modo tipicamente pós-moderno de encarar o futuro encontram-se incontáveis interpretações que retomam o conteúdo da esperança bíblica, sendo muitas delas, contudo, deturpações da esperança bíblica – principalmente as encontradas em seitas modernas.

1.1.7. A visão de futuro das religiões e a escatologia bíblica

Hoje mais do que nunca voltamos, como cristãos, a sentir de forma mais próxima o confronto com a expectativa apocalíptico-escatológica de outras religiões. Cada uma das grandes religiões do mundo, bem como toda filosofia que se preze, tem uma concepção protológica e uma concepção escatológica a oferecer. Já a nível de religiosidade geral há o reconhecimento de que a vida neste mundo não faz sentido, se não houver uma vida ou uma forma de existência pós-mortal.

Sem entrar em detalhes, as principais visões de futuro, com as quais temos que nos debater hoje, são as seguintes:

→ concepção ateísta: a morte como fim; eliminação da transcendência.

→ concepção marxista/socialista: religião é ópio do povo; há apenas um futuro intra-histórico, há apenas o paraíso terrestre, o qual deverá ser alcançado por meio da revolução sócio-política, a qual deverá derrubar a forma de governo presente – capitalismo – e implantar uma nova sociedade – socialista – dentro da qual haverá condições para o surgimento de um novo homem.

→ concepção espírita: reencarnação como futuro do ser humano; cf. dualismo de corpo e alma; dissolução da individualidade humana no cosmos.

→ concepção hinduísta e budista, bem como de seitas de origem esotérica e oriental: reencarnação.

→ concepção islâmica: haverá um paraíso e um juízo com recompensa e retribuição, no qual Alá decidirá o futuro de cada ser humano.

→ concepção judaica: é basicamente a esperança do AT e do judaísmo tardio, pressupondo-se que o Messias ainda não veio, e que, quando vier, irá transformar o mundo e ressuscitar os mortos.

A fé cristã tem que ser articulada hoje em *diálogo crítico* com todas estas e inúmeras outras concepções.

1.2. Os principais modelos de interpretação²

² Para mais detalhes sobre os modelos de interpretação, veja o estudo de G. BRAKEMEIER, o qual apresentamos de forma resumida: *Reino de Deus e esperança apocalíptica*. (Estudos Bíblico-teológicos, 3). São Leopoldo, 1984, p. 79ss.

1.2.1. Interpretação especulativa

• **Exemplo:** W. Goetz, *Apocalipse Já*. Belo Horizonte 1982. (Além disso: David Wilkerson; Wim Malgo; Fritz May).

• **Características:**

→ O Ap possibilita a exata previsão das coisas a acontecer; Profecia é história narrada antecipadamente.

→ A fundação de Israel em 1948 é vista como importante sinal do fim. Cf. Lc 21,29-32: a figueira simboliza Israel. Segundo Goetz, não passará a geração viva por ocasião da fundação deste Estado, sem que tudo se cumpra (p. 60ss). Estabelece-se uma relação entre as profecias do retorno de Israel do exílio babilônico (Is 11,11; Jer 29,10.14; Ez 6,8 e 11,17 etc) e o retorno dos judeus a Israel em 1948. Os conflitos no Oriente Médio e entre Israel e os países árabes são interpretados à luz da profecia.

→ Vivemos nos dias finais e tudo começa a se encaixar conforme as previsões da Bíblia: criação do Mercado Comum Europeu (p. 82ss), a ascensão da Rússia à potência mundial (p. 96ss), o tratado de paz entre Israel e Egito (p. 112ss). A Babilônia, i.é, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) já surgiu (p. 149ss). O planeta terra está se acabando: fomes, terremotos, guerras, catástrofes. Para Fritz May, a guerra entre o Irã e o Iraque não passou de um preparo das nações árabes para sua marcha contra Israel. Uma coletânea de assinaturas de representantes de vários países feita pela ONU em 1973, a qual tinha conteúdo crítico com relação à Israel, foi interpretada por Wim Malgo como sendo um posicionamento contra os planos de Deus e à favor do Islamismo.

→ Enfatiza-se que a nossa geração é a geração dos dias do fim

→ Os profetas do AT e do NT apenas codificaram segredos a serem desvendados no séc. XX.

• **Problemas:**

→ Exegeticamente, o contexto histórico de Ap não é observado. Ocorre uma manipulação dos textos e uma interpretação arbitrária no que diz respeito à correspondência entre fatos atuais e profecias. Faz-se prognoses precipitadas a respeito do futuro, baseadas em interpretações equivocadas do presente a partir da profecia.

→ Verifica-se uma camuflada propaganda ideológica: para o autor, que é americano, a Rússia é a encarnação do mal. Goetz abençoa e vê como positivo o esforço armamentista dos EUA (p. 106ss).

→ Nestes círculos surge o perigo de um *filosemitismo* cego, que interpreta todo sucesso militar de Israel como sendo uma vitória a caminho do Reino de Deus e no qual a pessoa posiciona-se politicamente sempre contra as nações árabes, mesmo ali onde os direitos humanos e a justiça civil estão ao lado delas. Há uma perda de sensibilidade para com a situação dos povos árabes.

→ Há uma condenação precipitada de todo e qualquer tentativa de união entre as nações a nível político e principalmente econômico (Europa; Mercosul etc),

vendo-se por detrás de tudo já o anticristo. Há uma oposição à tudo aquilo que é modernidade e avanço científico e tecnológico. Wim Malgo vê por detrás do número 666 do código internacional de barras o próprio anticristo, de modo que todo o comércio internacional é visto como estando sob a insígnia da atuação do mesmo.

→ São cometidos erros crassos nas prognoses. P. ex: Quando a Grécia aderiu ao Mercado Comum Europeu em 1981, Klaus Gerth afirmava: “Hoje temos 10 nações, correspondentes aos 10 dedos da estátua com a qual o rei Nabucodonozor sonhou”. Quando novos países aderiram ao MCE sua interpretação já caiu por terra. Q.d.: quando há identificações muito precipitadas de acontecimentos políticos atuais com profecias, na maioria dos casos, a história mesma se encarrega de provar a unilateralidade e falsidade de tais interpretações.

→ Não há amor pelo mundo como criação de Deus. Vê-se o mundo apenas como o mundo caído, destinado ao juízo. Por isso não há engajamento pela boa criação de Deus.

→ Interpretações especulativas não tem apoio nas escrituras – cf. p. ex. Dt 18,20: “*Se o profeta tiver a ousadia de falar em meu nome uma palavra que eu não lhe tiver ordenado, ou se ele falar em nome de outros deuses, tal profeta deverá ser morto.*”

→ Interpretações especulativas, bem como biblicistas-literalistas (veja abaixo) tem enormes conseqüências pastorais: Das muitas decepções causadas por interpretações errôneas nasce uma crescente resignação, que pode conduzir a um abandono completo da esperança da renovação.

1.2.2. Interpretação biblicista-literalista

• **Exemplo:** A. E. Bloomfield, *O Futuro Glorioso do Planeta Terra. As Profecias do Apocalipse*. Belo Horizonte, 1974. (Além disso: Wim Malgo).

• **Características:**

→ compreensão real, não simbólica dos anúncios do Apocalipse: volta gloriosa de Cristo, arrebatamento dos cristãos, o grande julgamento de Deus, surgimento dos novos céus e da nova terra. Tudo isso ocorrerá conforme o plano pré-estabelecido de Deus.

→ As 12 tribos de Ap 7,4ss devem ser entendidas literalmente. Por isso, os 144.000 selados são judeus que se tornaram cristãos (p. 12.135).

→ Os 1000 anos de Ap 20,1ss tem significado literal (p. 241ss). Tal literalismo baseia-se, em grande parte das vezes, em 2 Pe 3,8s e Sl 90,4.

• **Problemas:**

→ o contexto histórico de Ap não é praticamente levado em conta. A situação e a vida das comunidades da época não são dignas de consideração.

→ Como na interpretação especulativa, não há engajamento por uma boa administração do mundo enquanto boa criação de Deus.

→ Há a ilusão de que os dados numéricos do Apocalipse e de Daniel possam ser encaixados dentro de uma cronologia exata a ser reconstruída especulativamente, de modo que é possível identificar de forma exata em que etapa do plano

de Deus a humanidade se encontra no presente.

→ Há uma concentração exagerada nos acontecimentos futuros, perdendo-se a centralidade da pessoa e da obra de Cristo de vista. A pergunta central da escatologia bíblica não é “O que vem a nós?”, mas sim “*Quem* vem à nós?”. A parusia não pode ser despersonalizada, i.é, reduzida à uma soma de acontecimentos desligados da pessoa de Cristo.

1.2.3. Interpretação preterista e futurista

• **Exemplo:** G. E. Ladd. *Apocalipse - Introdução e Comentário*. São Paulo, 1980.

• **Características:**

→ O Apocalipse é compreendido simultaneamente como documento do passado (pretérito) e como anúncio do futuro escatológico: “A besta é Roma e também o Anticristo escatológico e, poderíamos acrescentar, qualquer poder demoníaco que a Igreja tem de enfrentar em toda a sua história” (p. 14). O Apocalipse foi palavra de Deus à Igreja do 1. séc. e é palavra à Igreja hoje.

→ Há sobriedade na interpretação, na qual transparece a dificuldade de toda interpretação humana da linguagem simbólica deste livro. Exemplo: com relação à Ap 20,10, onde se fala que o diabo, a besta e o falso profeta serão lançados no lago de fogo, Ladd afirma: “É impossível visualizar o que este versículo diz. É obvio que isto é linguagem pitoresca para descrever uma realidade do mundo espiritual: a destruição final e eterna das forças do mal que torturaram os homens desde o jardim do Éden” (p. 201). Também o milênio não deve ser interpretado em sentido literal, por ser o número 1000 um número simbólico. Para Ladd, o milênio de Ap 20 “coincide com a história da igreja na terra, entre a ressurreição e a volta de Cristo” (p. 193).

1.2.4. Interpretação conforme o molde do método histórico-crítico

• **Exemplo:** W. Bousset. *Die Offenbarung des Johannis*, em: *Krit. ex. Kom.*, Vol. XVI. 6. Ed. Göttingen. 1906.

• **Características:**

→ Tenta-se entender o livro do Apocalipse a partir das condições do 1. séc., detectando a partir do uso rígido da metodologia científica os fatores religiosos, culturais, sociais e políticos que lhe deram origem. Situa-se o livro dentro do conflito do cristianismo com o estado romano.

→ A chave para a interpretação das imagens e visões deve ser procurada nos acontecimentos históricos do séc. 1.

→ De forma geral, parte-se da tese de que o livro de Apocalipse tenha surgido mais provavelmente na época do imperador romano Domiciano (81-96 d.C.).

→ Está-se convencido de que a intenção principal do Apocalipse não é a de oferecer uma narrativa antecipada de acontecimentos futuros, mas a de servir de livro de consolo da igreja atribulada. O valor permanente deste livro reside justamente no fato de abordar situações típicas da comunidade cristã de todos os tempos (interpretação tipológica).

- **Problemas:**

- Tendência a uma interpretação puramente histórica, que fica presa ao passado, incapaz de evidenciar a relevância dos textos na atualidade.

- Com excessão das cartas às 7 igrejas da Ásia Menor, o livro de Apocalipse contém, na verdade, poucas passagens que se deixam ligar diretamente com a situação histórica do séc. 1.

- Problemático é o fato de que não se deixa registrar uma grande perseguição de cristãos sob Domiciano. Como o Apocalipse não menciona o dado tão central que é a destruição de Jerusalém no ano de 70 d.C. alguns exegetas (Klaus Berger; Martin Hengel) tem sustentado ultimamente a tese de que o livro já tenha sido escrito muitas décadas antes, por exemplo entre os anos de 68/69 a.C., logo após a grande perseguição feita aos cristãos por Nero (cf. Ap 17,10).

1.2.5. Interpretação histórico-conceptual

- **Exemplo:** H. H. Rowley. *A importância da Literatura Apocalíptica*.

- **Características:**

- conjuga interpretação científica do texto com leitura relevante do mesmo.

- Pergunta-se pelas concepções e verdades com que o apocalipsismo tem enriquecido a história da humanidade, procurando os “princípios profundos e duradouros de valor moral, social e religioso” do Apocalipse (p. 181).

1.2.6. Interpretação histórico-existencial

- **Exemplo:** W. Schmithals. *Die Apokalypik. Einführung und Deutung*. Göttingen, 1973.

- **Características:**

- Faz-se uso de categorias filosóficas provenientes do Existencialismo na interpretação.

- A Apocalíptica é vista como fruto de uma experiência do ser humano em e com o seu mundo, a saber, a experiência de que não há salvação neste mundo, motivo pelo qual impera um grande pessimismo frente à realidade presente, bem como transfere-se a esperança para um mundo vindouro. Por ser expressão de uma experiência humana universal, a mensagem do Apocalipse tem sua validade existencial em todas as épocas.

- **Problemas:**

- Tendência à desistorização da mensagem do Apocalipse, desconsiderando-se o condicionamento histórico da mesma.

1.2.7. Interpretação histórico-querigmática

- **Exemplo:** Eduard Lohse. *Die Offenbarung des Johannes*.

- **Características:**

- O Apocalipse é entendido como prédica cristã, sendo que as imagens e visões são avaliadas em sua intenção de proclamar o evento de Cristo em sua amplitude cósmica. Jesus Cristo mesmo está no centro da mensagem do Apocalipse.

→ O livro é entendido como livro de consolo da comunidade cristã tentada e atribulada de todos os tempos.

→ Dá-se destaque às dimensões cósmicas da soberania de Deus e do evento de Cristo.

1.2.8. Interpretação histórico-contextual

• **Exemplo:** G.S. Gorgulho; A. F. Anderson. *Não tenham medo! Apocalipse*. São Paulo, 1977.

• **Características:**

→ Ênfase na relevância do Apocalipse para um determinado contexto – p. ex.: América Latina –, valorizando-se a dimensão revolucionária e contestatória do apocalipsismo. A situação histórica dos primeiros cristãos deve iluminar a situação do povo oprimido da América Latina hoje. Procura-se analogias entre o passado e o presente como meio método de contextualização.

→ Destaca-se o agir de Deus na história e a importância da ação dos fiéis: “A vitória que (Jesus) conquistou deve ser continuada e realizada por todas as gerações cristãs” (p. 133), contra toda forma de opressão. Ela deve ser atualizada e concretizada pela atividade das testemunhas e pela sua luta em favor de uma sociedade solidária e da participação no bem comum (p. 13.192 etc). A igreja é sinal do Reino e antecipação da Jerusalém celestial. A redenção é vista como algo que acontece na dura realidade do povo de Deus em meio a este mundo. A esperança no mundo transcendente não anula a ação transformadora do mundo presente.

→ A ênfase recai não tanto na escatologia futura, mas no “já agora” da salvação.

→ O milênio de Ap refere-se à nossa história, ao tempo da igreja após a queda de Roma. A primeira ressurreição é entendida como um evento que se refere ao batismo ou à renovação da Igreja depois do fim da perseguição romana.

→ As profecias com relação à destruição da Babilônia (Ap 17,1ss) já se cumpriram com a queda do Império Romano.

→ A vinda escatológica de Cristo (Ap 19,11ss) é vista apenas como a “vinda sempre atual do Ressuscitado” (p. 181).

• **Problemas:**

→ embasamento exegético em diversos pontos questionável (veja acima).

1.2.9. Interpretação histórico-política

• **Exemplo:** D. G. Schäffer. *Apocalipse 3,1-6*, em: Proclamar Liberdade IX. São Leopoldo, 1983, p. 127ss.

• **Características:**

→ A esperança do Apocalipse é articulada em termos exclusivamente políticos. O livro surgiu do ódio de João ao sistema imperialista romano, sendo ele um “manifesto político dos únicos que ousavam levantar a testa ante a besta Domiciano” (128). A esperança é a resistência dos cristãos ao sistema político vigente, que um dia culminará com a implantação da nova Jerusalém, como um “mundo totalmente

novo, socialista, governado pelo povo e por isso democrático. É essa a oferta de Jesus Cristo a todo o universo” (p. 134).

• **Problemas:**

→ redução da esperança cristã à esfera política. Há uma secularização da esperança cristã, pois nesta interpretação, a linguagem religiosa é lida puramente sob o ponto-de-vista político. Esquece-se que a nova sociedade será a comunidade de Jesus Cristo, a Igreja.

2. Critérios de interpretação do livro de Apocalipse

2.1. Consideração do gênero literário

O livro de Apocalipse não é parábola, não é um evangelho, não é uma coleção de leis cúlticas (Lv), mas sim, se encaixa, quanto à sua forma literária, na categoria que chamamos de “*literatura apocalíptica*”. O fenômeno literário chamado de **Apocalíptica** poderia ser assim definido: Apocalíptica se ocupa com “a revelação de mistérios acerca do curso do mundo e acima de tudo acerca do fim dos tempos e do fim do mundo” (assim H. Ringgren³). No centro da literatura apocalíptica encontra-se o chamado ao arrependimento e o consolo aos atribulados (cf. Dn 9; Mc 13; Mt 24; Ap 2s). O anúncio de um acontecimento futuro nunca aparece isolado do chamado ao arrependimento nem do consolo, tendo na pessoa e na obra de Cristo o seu ponto básico de referência.

O Apocalipse possui precedentes e paralelos dentro do cânon (Daniel, Zacarias), mas também na literatura judaica extra-canônica, dos quais ele se distingue tanto na forma quanto no conteúdo. Entre as semelhanças contam as seguintes: **a)** Focalização da consumação da história; **b)** Periodização da história em eras da história do mundo; **c)** Afirmação de uma crescente piora no estado da ordem mundial e das condições de vida no mundo; **d)** O uso de uma linguagem altamente simbólica; **e)** A revelação dos acontecimentos finais ocorre em forma de visões que são intermediadas por anjos (Ap 1,1; 22,6).

Entre as diferenças contam as seguintes: **a)** O Apocalipse de João não é pseudônimo como os demais apocalipses; **b)** Ele também não é um livro secreto como os demais; **c)** Os apocalipses extra-bíblicos transformaram a visão de história contida no livro de Daniel num grande plano da história mundial que vai de Adão até o fim dos tempos, o qual pode ser calculado cronologicamente. Estes apocalipses procuram desvendar especulativamente os mistérios do mundo dos anjos e de satanás. Estes traços nós não encontramos no Apocalipse – ele não contém especulações acerca da vida celestial nem descrições cronologicamente exatas dos tempos do fim, não permitindo inclusive cálculos a respeito do fim; **d)** O Apocalipse de João quer consolar e animar, mas não alimentar a curiosidade especulativa humana; **e)** O autor, João, não é elevado ou arrebatado aos céus para receber a revelação, como

³ H. RINGGREN. Art. “*II. Jüdische Apocalyphtik*”, em: RGG³ I, p. 464.

acontece em outros apocalipses, mas recebe suas visões dentro do tempo e do espaço aqui na terra, mais exatamente na ilha de Patmos. O autor está extremamente interessado em que os leitores creiam na autenticidade, inspiração e credibilidade de sua obra (cf. Ap 22,18s).

2.2. Consideração das tradições bíblicas que o Apocalipse retoma

Quanto às tradições que este livro retoma, elas tem sua origem principalmente no AT. Interessante é que o livro de Apocalipse retomou apenas o material dos livros canônicos do AT (Daniel – 85 alusões –, Ezequiel – 107 alusões –, Isaías, Salmos), não estando na tradição imediata dos muitos apocalipses judaicos não-canônicos e pseudo-epigráficos (como o Apocalipse de Baruque, o livro do Enoque Etíope).

João repensa e reformula as tradições apocalípticas veterotestamentárias de seu povo a partir do evento de Cristo. E ao mesmo tempo articula o evento de Cristo levando em conta a linguagem e o conteúdo destas tradições do AT. Sua orientação básica é cristológica. Por isso, embora se deva levar as peculiaridades da literatura apocalíptica em conta, também o Apocalipse não pode ser interpretado de forma isolada do restante do Cânon. Neste sentido, já Ap 1,1 (“as coisas que em breve devem acontecer”) retoma uma expressão de Dn 2,28. E o fim de Ap retoma com a menção da “árvore da vida” um tema de Gn 2 e 3. Poucos livros do NT retomam de forma tão intensiva o AT, de forma que o livro de Apocalipse serve de forte elo de ligação entre os dois testamentos.

Quanto à *linguagem simbólica*, que é característica comum aos apocalipses, vale destacar que o Apocalipse de João faz uso da linguagem simbólica do próprio AT. Tal linguagem simbólica é uma forma de expressão enigmática. Símbolos querem enfatizar mais uma “impressão” do que trazer coisas à “expressão”. Neste sentido, vale destacar que o livro de Apocalipse não é primeiramente um livro que quer ser utilizado na missão, mas sim, mais destinado à comunidade dos eleitos de Deus. Apesar de seu conteúdo altamente simbólico, o livro não quer velar, e sim *revelar* a história de Deus com seu povo (cf. Ap 1,1-3; 13,18, 22,10.16).

Excursus

A simbologia dos números do Apocalipse de João

Parte do simbolismo do Ap é expresso por meio de *números, porções numéricas ou dados em medidas numéricas de tempo*. A intenção primária destes números é *simbólica*, i.é, não querem oferecer dados exatos, mas trazer uma mensagem específica à expressão. Alguns exemplos:

→ o **número “2”**, que já aparece na criação de dois, do homem e da mulher, é muitas vezes símbolo para expressar uma totalidade formada de dois polos diferentes em si. No Ap este número refere-se muitas vezes para a totalidade do povo de Deus constituído por dois polos diferentes: judeus e gentios. Em situações jurídicas, eram necessárias pelo menos 2 testemunhas para que se comprovasse um caso e para que a questão em disputa tivesse validade legal. Este é o pano-de-fundo da menção de 2 testemunhas em Ap 11.

→ o **número “3”** tende a significar a totalidade plena e a trindade divina. Neste sentido, Ap 13 menciona uma espécie de trindade do maligno: o dragão, a besta e o seu profeta.

→ o **número “4”** aponta simbolicamente para totalidades terrenas: havia 4 rios no paraíso; há 4 direções nos céus. Em Ap 6 aparecem 4 cavaleiros em seus cavalos. Em Ap 4,6; 5,6 são mencionados 4 seres vivos que se encontram diante do trono de Deus.

→ o **número “6”** é o que simboliza a imperfeição, justamente por não ser o número “7”. A criação foi feita em seis dias, mas apenas no 7. dia foi consumada. 6 é também o número do ser humano, pois foi criado no 6. dia. Não por acaso o número 666 é mencionado em Ap 13,18 como “número de uma pessoa”. O número 666 é expressão intensificada que para o ser humano incompleto e imperfeito. Poderíamos dizer: 666 é a imperfeição e incompletude elevada ao cubo, acima do normal, exagerada.

→ o **número “7”** é o número da totalidade divina, da plenitude e da consumação. Isto já foi expresso na divisão do tempo (7 dias), bem como na ênfase no sábado (7. dia) como dia especial. Não por acaso o livro do Apocalipse, que trata da consumação, é marcado em sua estrutura pelo número 7: são 7 comunidades, 7 estrelas (Ap 1,20), 7 espíritos diante do trono de Deus (1,4; 4,5), 7 selos, 7 trombetas, 7 pratos e 7 taças, 7 chifres do cordeiro (5,6) etc.

→ a metade de 7 é **três e meio**. Este número tem um papel importante no transcorrer dos acontecimentos futuros (Dn 7,24; 9,27; 12,7; Ap 11,2s.6.14). Três anos e meio são **42 meses ou 1260 dias**. Eles representam a o tempo da perseguição e do sofrimento da comunidade. Trata-se de um simbolismo que mostra que o sofrimento e a perseguição não são completos, mas limitados, reduzidos em comparação à plenitude.

→ o **número “10”** é expressão de quantidades terrenas. Os 10 mandamentos devem reger a vida terrena. O número 10 representa o poder terreno máximo do dragão (Ap 12,3), da besta (13,1) e da mulher (17,3).

- o **número “12”** é o número que pode ser ligado com a eleição de Deus. O povo de Israel era constituído por 12 tribos. Os discípulos, como início da comunidade da nova aliança, eram 12 – eles são o fundamento do novo povo escatológico de Deus, composto de judeus e gentios. Na nova Jerusalém, o nome dos 12 apóstolos estará escrito sobre a pedra angular dos 12 portões da cidade (21,14). Os “24” anciãos representam respectivamente os representantes do velho e do novo povo de Deus (4,4; 5,8; 11,16; 19,4).

- o **número “1000”** representa, de modo geral, um número incontável. Os 144.000 (12 x 12 x 1000) em Ap 7,2 e 14,1 representam assim o incontável (não infinito) número total dos santos e eleitos da velha e da nova aliança.

O importante nesta numerologia simbólica é que ela não pode ser interpretada literalmente, dando assim margem à especulações apocalípticas.

2.2.1. O Apocalipse de João e o livro de Daniel⁴

O elo mais profundo com o AT o Ap tem com o livro de Daniel. A expressão proveniente de Daniel 2,28 (“*as coisas que devem acontecer em breve*”) serve como que de fio vermelho no transcorrer do livro (cf. Ap 1,1; 1,19; 4,1; 22,6). Inclusive a

⁴ Cf. Volker GÄCKLE, *Überlegungen zur Auslegung der Johannesoffenbarung*, em: Rolf Hille (Hrsg.). Worauf können wir hoffen?. Die Zukunft der Welt und die Verheißung des Reiches Gottes. Beiträge aus dem Albrecht-Bengel-Haus, Tübingen. Wuppertal, 1999, p. 117-150, principalmente 131ss.

expressão “*em breve*” é originária de Dn 2,29.45 LXX.

Trata-se aqui e lá da revelação de acontecimentos da história final (Dn 2,19; 7,1ss; 8,1ss; 9,20ss; 10,1ss; cp. Ap 1,1.19; 22,6). Embora haja profecias a respeito do fim em vários livros proféticos do AT, o livro de Daniel se destaca devido à concentração de tais dados.

Ap 13-19 apresenta várias semelhanças com a visão do total da história encontrada em Dn 2 e 7. Nestes 2 capítulos, há a menção da alegoria da seqüência dos 7 reinos mundiais, a saber, o da babilônia, o da pérsia-média, o da grécia de Alexandre, o Grande, e o império romano, que é o último e mais poderoso. Justamente este último reino – império romano – é identificado no Apocalipse como sendo a grande meretriz Babilônia (Ap 17ss). A besta de Ap 13 apresenta características do quarto animal mencionado em Dn 7,7s.

Comum aos dois livros também é o papel dos anjos. Eles são servos (Dn 7,10; Ap 2 e 3); intermediadores e intérpretes (Dn 7,16; 9,21s; Ap 1,1; 22,6).

Quanto ao conteúdo, a figura do “Filho do Homem” ocupa função central em ambos os livros (Dn 7,13; Ap 1,7.13; 14,14).

2.2.2. O Apocalipse de João e o livro de Ezequiel

A estrutura dos últimos 6 cap. do Apocalipse (cap. 17-22) poderia ter Ez 23-48 como pano-de-fundo, como podemos ver numa comparação superficial:

EZEQUIEL		APOCALIPSE	
23	2 prostitutas	17	A meretriz Babilônia
26ss	Palavras contra Tiro e seu poder contrário a Deus (cf. 28,11ss)	18	Palavras contra a Babilônia com características semelhantes às dirigidas contra Tiro
34,23ss	O descendente de Davi que está por vir	19	O Messias que está por vir
36	Renovação e salvação	20,4ss	O milênio
37	Ressurreição dos ossos secos	20,1ss	A primeira ressurreição
38s	Luta derradeira entre Gog e Magog	20,7ss	Luta derradeira entre Gog e Magog
39,17ss	A imagem do banquete para as aves	19,17s	A imagem do banquete para as aves
39,22ss	Juízo sobre as nações	20,11ss	O juízo final
40-48	Salvação para Israel; a nova Jerusalém	21s	A nova Jerusalém

É importante observarmos que a profecia de Ezequiel é cumprida e ao mesmo tempo extrapolada nos acontecimentos mencionados no Apocalipse de João. Enquanto que Ezequiel esperava a salvação apenas para Israel e mais relativa a este mundo presente, o Apocalipse vê os novos céus e a nova terra virem dos céus. Para João, a salvação consistirá numa renovação cósmica e aberta a todas as nações.

2.3. Consideração do endereço, do contexto histórico

O contexto histórico deve ser levado em conta, i.é, deve-se ouvir o livro em seu próprio tempo, em seus condicionamentos históricos e no confronto com os pro-

blemas específicos de sua época.

A situação da Igreja sob o Império Romano e a situação das comunidades da Ásia Menor devem ser observados.

2.4. Consideração do caráter canônico e continuamente atual do Apocalipse

Embora o endereço histórico do Apocalipse não possa ser desconsiderado, o fato de ele estar no Cânon faz dele um livro para a Igreja de Jesus Cristo de todos os tempos. De um lado, a leitura histórica do Apocalipse dificulta o anúncio atual, de outro, o anúncio relevante para hoje tende a ignorar o sentido histórico dos textos. Ambos os extremos devem ser evitados. Devemos perguntar pelo sentido histórico dos textos em sua relevância e normatividade atual.

2.5. Consideração da problemática em torno da seqüência dos acontecimentos e da estrutura do livro de Apocalipse

Um dos problemas mais contundentes do Apocalipse é a pergunta pela estruturação cronológica dos muitos acontecimentos anunciados. Deverão eles ser interpretados no sentido de uma cronologia linear que intenciona mostrar a seqüência exata e precisa dos acontecimentos, seqüência esta que pode ser constatada e acompanhada fielmente no transcorrer da história, de modo que a pessoa possa dizer exatamente em que fase e em que momento do plano de Deus ela se encontra? Ou deverão as profecias apocalípticas ser interpretadas como descrições repetitivas dos mesmos acontecimentos, os quais são elucidados sempre de uma perspectiva diferente? Em outras palavras: os acontecimentos do Apocalipse querem ser interpretados como uma *sucessão cronológica de fatos* ou como uma *recapitulação de fatos*?

Os dois modelos, tomados cada um por si mesmo, apresentam seus problemas. Se os vemos como uma sucessão cronológica de fatos, então teríamos que aceitar que haverá toda uma série de juízos, de vindas de Cristo e de situações salvíficas. Por exemplo: acerca do dia da ira ou do juízo fala-se em vários momentos no Ap: 6,17; 11,18; 14,16.19 e 19,15. A vitória dos redimidos é igualmente mencionada várias vezes: 5,9; 7,17; 11,15-19; 14,3; 15,3 e finalmente em 21,3ss. O mesmo podemos constatar com relação à atuação do dragão, à queda da Babilônia e à 2. vinda de Cristo. Mas será esta a intenção do Apocalipse?

Se vemos os fatos como recapitulação de diferentes perspectivas, também encontramos dificuldades, pois não há apenas recapitulação, mas também há uma evidente *intensificação* nos relatos que tratam do mesmo assunto. Quer dizer: há uma seqüência sim, e ela caminha para uma intensificação dos acontecimentos. Como resolver o dilema, se os dois modelos, tomados por si, representam limitações e reduções daquilo que o Ap intenciona apresentar?

A solução mais provável é, a meu ver, a seguinte: A estrutura do livro de Apocalipse é basicamente a apresentação de um *desenrolar de fatos*, os quais são apresentados de diferentes perspectivas, as quais apresentam uma intensificação

nos acontecimentos. Quer dizer: um e o mesmo acontecimento são mencionados mais vezes, mas à cada vez são apresentadas dimensões novas e mais profundas a respeito deste mesmo acontecimento. É como se uma máquina fotográfica fosse focalizando uma cena, e à cada focalizada a imagem adquirisse conturas e linhas mais evidentes e claras.

Em tal modelo de interpretação, que mescla os dois modelos básicos, é fundamental que o intérprete esteja atento para os **sinais apresentados pelo próprio texto** do Apocalipse, os quais nos ajudam a reconstruir a estrutura do texto. Justamente aqui iniciam os problemas. Pois cada comentário bíblico parece oferecer uma outra estruturação deste livro. Isto parece condizer com o caráter de certa forma enigmático da própria revelação apocalíptica. Mas isto não deve nos desviar de tal tarefa.

Neste sentido, chama à atenção, inicialmente, que o **número 7** desempenha um papel central na estrutura de todo o livro: são 7 cartas à Igrejas, 7 selos, 7 trombetas, 7 taças e muitas outras seqüências determinadas pelo número 7. Embora a relevância deste número não possa ser exagerada, esta observação serve de uma espécie de sinal indicador de uma estrutura básica do livro.

Uma das tentativas a meu ver mais plausíveis de estruturação do livro de Apocalipse que foram apresentadas pela pesquisa até os dias de hoje é a do exegeta alemão *Günther Bornkamm*, feita em 1931.⁵

2.5.1. A revelação do presente e do futuro

O primeiro indício textual que aponta para a estrutura interna do livro encontramos, segundo Bornkamm, em Ap 1,19: “*Escreve, pois, o que viste: tanto as coisas presentes como as que deverão acontecer depois destas*”. João recebe aqui uma tripla instrução:

a) Escrever o que viu. Esta ordem está relacionada ou àquilo que acabara de ver (Ap 1,9-20) ou ao todo daquilo que Deus lhe revelara (todo o livro de Apocalipse), que, no momento da redação do livro, Deus já lhe havia mostrado por completo.

b) Escrever acerca das “coisas presentes”, i.é, a respeito do momento presente em que vivia. Uma questão difícil aqui é se as visões apocalípticas contidas nos capítulos 4-22 também são profecia para os dias em que João vivia, ou se estes capítulos estão apenas relacionados às “coisas que deverão acontecer depois destas”. Fato é que, primariamente, estes capítulos querem mais ser profecia quanto ao futuro mesmo. Assim sendo, o único bloco do livro que trata do momento estritamente presente em que João vivia (séc. 1 d.C.), são as cartas às 7 Igrejas da Ásia Menor. Desta forma, seria mais prudente relacionar as “coisas presentes” ao conteúdo dos cap. 2 e 3 do Apocalipse. Isto tem como conseqüência, que estas cartas não tem a intenção primária de descrever 7 períodos definidos da história da Igreja, co-

⁵ Günther BORNKAMM. *Die Komposition der apokalyptischen Visionen in der Offenbarung des Johannis*, em: ZNW 36 (1937), p. 132ss. Aqui citaremos conforme à reedição deste texto: *Studien zu Antike und Urchristentum. Gesammelte Aufsätze*. Vol. 2. 3. Ed. München, 1970, p. 204-220.

mo muitos intérpretes (na maioria dispensacionalistas) afirmam. Tal procedimento exegético não passaria de especulação histórica. As 7 cartas estão, portanto, direta e imediatamente relacionadas com a situação específica de 7 comunidades do séc. 1 d.C. Isto não exclui o fato de que a situação destas 7 comunidades contenham características típicas, que serão encontradas nas igrejas cristãs de todos os tempos e de todos os lugares. Neste sentido, a exegese pode atentar para o caráter de certa forma *tipológico* destas cartas.

c) Escrever as coisas “que deverão acontecer depois destas”. Interessante é que exatamente esta expressão aparece em Ap 4,1 e em Ap 22,6. Seriam estes 2 vers. sinais dados pelo próprio autor, que permitam identificar as coisas que deverão acontecer depois destas? Teria ele marcado no próprio texto o início e o fim do relato das coisas que haverão de vir? É o que parece! Chama à atenção, contudo, que a predição profética de acontecimentos futuros propriamente dita acontecerá apenas a partir de Ap 6,1, com a abertura do selo do livro mencionado em Ap 5,1. É neste livro que se encontra a revelação das coisas que “deverão acontecer depois destas”. O capítulo 5 contém a descrição da preparação dramática e comemorativa para a abertura deste livro. Vale destacar que para a interpretação correta do Apocalipse, a identificação deste livro é de fundamental importância.

2.5.2. O livro contendo profecias a respeito do futuro

O livro, no qual todas as profecias futuras estão registradas, é descrito da seguinte forma em Ap 5,1: “*Vi depois, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora e selado com sete selos*”.

Que tipo de livro é este? A pesquisa recente tem tornado plausível a tese de que tenha se tratado de uma espécie de documento duplo, do mesmo tipo de livros usados comumente no contexto jurídico da antiguidade. Do lado de fora tais livros havia uma apresentação resumida e pública – i.é, acessível a todos – do conteúdo do interior do livro, o qual, por ter caráter de profunda legalidade e oficialidade, era comumente selado. Caso esta tentativa de explicação esteja correta, então os capítulos 6 e 7 do Apocalipse seriam a **apresentação do conteúdo do lado de fora do livro**, i.é, o resumo do conteúdo mais detalhado encontrado do lado de dentro deste documento, cuja leitura é acessível a todos, por não estar selada.

Assim sendo, G. Bornkamm afirma que os juízos/julgamentos anunciados pelos 7 selos em Ap 6 teriam apenas o sentido de uma espécie de “abertura” (*Ouvertüre*), “na qual os temas do livro serão mencionados em seleção característica pela primeira vez, e na qual estes temas ao mesmo tempo já são arrolados como parte de um drama” maior, que será desenrolado posteriormente (p. 220).

O mesmo acontece com a grande visão da salvação da comunidade formada de judeus e gentios encontrada em Ap 7. Já aqui o fim de todas as coisas é mencionado, o qual será mencionado como conteúdo da parte de dentro do livro apenas em Ap 21 e 22. Chama à atenção, inclusive, que o primeiro cavaleiro apocalíptico, mencionado em 6,2, provavelmente já é uma indicação apontando para a volta do Cristo vitorioso, mencionada em Ap 19,11ss. Embora esta interpretação seja muito

discutida, cai na vista que justamente o primeiro cavaleiro é o único dos 4 cavaleiros que não traz nenhum flagelo sobre a humanidade, o que torna esta interpretação pelo menos mais plausível.

Os cap. 6 e 7 são, portanto, uma espécie de índice do livro, no qual os seus principais temas são mencionados resumidamente. Chama à atenção que Ap 8,2 fala de um silêncio de meia hora, silêncio este que poderia ser visto como mais um indício para o fato de que, apenas com o capítulo 8 tem início a apresentação do conteúdo interno e detalhado do livro.

2.5.3. Apresentação do desenrolar do juízo e da salvação divinos

O conteúdo da parte interna do livro é apresentado em Ap 8,2-22,5. Também neste bloco maior há pequenos blocos, contendo repetições temáticas. Há, por exemplo, uma paralelidade evidente entre os cap. 8-14 e 15-20. Isto se mostra mais exatamente ao compararmos os ciclos de visões nos cap. 8-11 e 15s, bem como os cap. 12s e 17s, incluindo também os cap. 14 e 19.

2.5.3.1. O juízo das trombetas e o das taças

Primeiramente cai na vista, que o relato do juízo trazido pelas trombetas e pelas taças apresenta uma série de paralelidades:

Apocalipse 8-11	Apocalipse 15 e 16
Preparação nos céus (8,2+6): os anjos recebem 7 trombetas	Preparação nos céus (15,1.5-16,1): os anjos recebem 7 taças
1. trombeta (8,7): granizo e fogo, misturados com sangue, são atirados sobre a terra (destruição de 1/3 da terra, das árvores e das plantas)	1. taça (16,2): é derramada sobre a terra (feridas nas pessoas que carregam consigo o sinal da besta e adoram a sua imagem)
2. trombeta (8,8s): 1/3 do mar é transformado em sangue, 1/3 dos animais aquáticos morre (1/3 dos navios afunda)	2. taça (16,3s): o mar é transformado em sangue; todos os animais que nele se encontram morre
3. trombeta (8,10s): 1/3 das águas – rios e fontes – se torna amarga; (muitos seres humanos morrem devido a isso)	3. taça (16,4): as águas – rios e fontes – se tornam em sangue
4. trombeta (8,12): o sol (a lua e as estrelas, dia e noite) se torna em trevas na dimensão de 1/3	4. taça (16,8s): o sol abrasa a humanidade com fogo
5. trombeta (9,1s): o poço do abismo é aberto, por causa da fumaça o sol e o ar ficaram escuros	5. taça (16,10s): o Reino dos animais fica escuro
6. trombeta (9,14s): Libertação dos 4 anjos que estavam presos sobre o grande rio Eufrates	6. taça (16,12): a 6. taça é derramada sobre o grande rio Eufrates
7. trombeta (11,15.19): há fortes vozes nos céus - o templo de Deus nos céus está aberto - há raios, vozes, trovões, terremotos e uma grande tempestade de granizo	7. taça (16,17s.21): uma voz poderosa se manifesta a partir do templo - há relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e grande tempestade de granizo

Como podemos definir mais exatamente o interrelacionamento entre estes 2 ciclos de visões contendo juízo? Há indícios para a afirmação de que o juízo das taças é realização de algo que é anunciado no juízo das trombetas. Que o juízo proveniente das trombetas é apenas **anúncio**, parece transparecer em 2 momentos: **a)** As trombetas eram tidas nas culturas antigas e em Israel com instrumentos de anúncio ou proclamação; **b)** as 7 trombetas lembram na história da queda de Jericó (Js 6). Lá as trombetas foram tocadas por 6 dias afim de apenas anunciar o juízo de Deus, sendo que apenas no 7 dia o juízo sobre Jericó realmente veio. Uma sistemática semelhante talvez esteja por detrás destes dois ciclos de visões: com as 7 trombetas apenas é anunciado ou começa a acontecer aquilo para o que elas indicam, de modo que estas coisas apenas por ocasião do derramar das taças se tornam em realidade plena.

2.5.3.2. O dragão, a besta e a meretriz Babilônia

Outros capítulos que apresentam paralelidade temática são os cap. 12s e 17s. Os dois tratam da luta escatológica entre Satanás respectivamente a besta de um, e Deus e sua comunidade de outro lado. Enquanto que os cap. 12s descrevem o poder crescente do Diabo e da besta sobre a terra, os cap. 17s tratam do juízo sobre o juízo divino sobre a cidade anticristã Babilônia. A paralelidade aqui é resultado de uma mistura de semelhanças e diferenças. Assim, a rainha dos céus (12,1s) está numa relação de exata diferença para com a meretriz, que está sentada sobre as águas (17,1ss). Nos 2 ciclos é retomada a visão da besta – uma tradição proveniente do livro de Daniel (cf. Ap 13 e 17). Enquanto que o cap. 13 descreve o alastramento do poder da besta, o cap. 17, ao contrário, descreve a queda da Babilônia e de seu poder.

2.5.3.3. A vitória do Cordeiro e o juízo

Os cap. 14 e 19 também estão estruturados de forma a apresentar paralelidades, sendo que o cap. 14 é formulado conscientemente de forma enigmática e fragmentária, apresentando lacunas, enquanto que o cap. 19 é formulado de forma arredondada, completa e clara.

Apocalipse 14	Apocalipse 19
14,1-5: O <i>Cordeiro</i> está sobre o monte Sião juntamente com os 144.000, os quais cantam um novo cântico diante do trono e dos <i>quatro seres vivos e dos 24 anciãos</i> . “E eu ouvi uma voz que vinha do céu, semelhante a um <i>fragor de águas e ao ribombo de um forte trovão</i> ” (14,2)	19,1-8: “Depois ouvi como que o rumor de uma numerosa multidão no céu (v. 1) ... os <i>24 anciãos e os 4 seres vivos</i> se prostraram então diante de Deus que está sentado no trono (v. 4) .. e eu ouvi como que o rumor de uma grande multidão, semelhante ao <i>fragor de águas torrenciais e ao ribombar de fortes trovões</i> (v. 6).
[14,6s: o anjo com o evangelho eterno. 14,8: o segundo anúncio do anjo: A Babilônia caiu. 14,9ss: o 3. anúncio do anjo: Juízo sobre os adoradores da besta]	
14, 13: Pedido ao visionário João: “ <i>Escreve: felizes os mortos, os que desde agora morrem no Senhor</i> ”	19,9: Pedido ao visionário João: “ <i>Escreve: felizes aqueles que foram convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro</i> ”
14,14-20: Aparição de alguém semelhante a um Filho de Homem em uma nuvem branca, com uma coroa de ouro na cabeça	19,11-21: O céu está aberto, e montado num cavalo branco aparece o Verbo de Deus... com muitos diademas em sua cabeça
14,19: a videira da terra é vindimada e lançada no lagar do furor de Deus por aquele que é semelhante ao Filho do Homem	19,15: O Verbo de Deus pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus
14,20: O sangue sai do lagar até chegar aos freios dos cavalos	19,19ss: descrição da destruição da besta, dos reis da terra e seus exércitos

Nestes dois cap. é possível reconhecer uma *intensificação* evidente. No cap. 14 os acontecimentos ocorrem no monte Sião, no cap. 19 nos céus. No cap. 14 fala-se da multidão de pessoas comprada pelo sangue do cordeiro, no cap. 19 fala-se de uma grande multidão de pessoas, as quais já estão unidas com os 4 seres vivos e os 24 anciãos. No cap. 14 o cântico era cantado por vozes, sendo que os 144.000, os 4 seres vivos e os anciãos apenas o ouviam. O conteúdo deste cântico ainda não é revelado no cap. 14, sendo apenas revelado no cap. 19 (cf. 19,1s.6s). Resumindo: no cap. 14 a consumação, que é descrita detalhadamente no cap. 19, é apenas anunciada e mencionada, mas ainda não executada.

Surge neste contexto a pergunta, porque o cap. 14,1-5 é tão enigmático. Uma possível resposta encontramos no transcórre deste cap., em 14,6-12 – um trecho que não tem nenhuma parte correspondente no cap. 19. As visões de 14,6-12 é anunciado e iniciado um juízo, que encontrará sua consumação apenas mencionada no cap. 19. Q.d.: 14,1-5 é tão enigmático porque este juízo ainda não é algo consumado. Depois de 14,13 e de 19,9 as visões dos 2 cap. apresentam novamente paralelidade, sendo que as imagens do cap. 14 são incompletas em comparação com o cap. 19. Um exemplo: enquanto que a identidade dos inimigos ainda não é revelada no cap. 14, ela é apenas identificada em 19,17ss, a saber, os reis, líderes militares e poderosos que marcham contra o cavaleiro ce-

lestial, Jesus Cristo. “Até nos mínimos detalhes o cap. 19 oferece o desvendar de acontecimentos que ainda permanecem ocultos no cap. 14” (G. Bornkamm, op. cit., 213)⁶.

Em outras palavras: da mesma forma como no juízo das trombetas e das taças, parece que também aqui há um esquema que inclui primeiro o anúncio e depois a execução.

2.5.3.4. A consumação do mundo

O final do Apocalipse foi estruturado de forma bem clara e compreensível.

Há de certa forma uma determinada seqüência de ocorrências:

→ vitória de Cristo e destruição do mundo diabólico (19,11-21; 20,1ss)

→ milênio; última revolução do poder satânico, a qual é castigada com a destruição definitiva (Ap 20,7ss)

→ Após o grande juízo universal (20,11ss) aparecem os novos céus, a nova terra (21,1ss) e a Jerusalém celestial (21,9ss).

A correspondência existente entre esta descrição do fim e Ap 7 é um indício para o fato de que o livro mencionado em Ap 5,1 realmente termina com Ap 22,5.

Excursus

A problemática em torno do milênio (Ap 20,1-6)

Um dos temas mais controvertidos no transcorrer de toda a história da igreja é a questão da interpretação de Ap 20,1-6, resp. a pergunta se haverá um milênio ou chiliasmo (do gr. *chilioi* = 1000) como Reino paradisíaco de Deus sobre a terra antes do fim dos tempos.

- a) Muitos dos Pais da igreja primitiva, começando com Papias, Justino, Tertuliano, Ireneu até Hipólito (170-235 d.C.), entenderam esta passagem em seu sentido literal como indicação de que haveria um Reino de Cristo sobre a terra.
- b) Já no 3. século, porém, houve quem interpretasse diferente, como p. ex. Agostinho (345-430). Sob influência da filosofia platônica ele entendia o milênio como reino espiritual, i.é, ele espiritualizou esta passagem. Na sua concepção, os 1000 anos deveriam ser identificados com o tempo da igreja. Ele rejeitava a existência de um milênio futuro.
- c) Também Lutero pensava nesta linha. A Confissão de Augsburgo rejeitou a idéia de um milênio – cf. CA 17: “*Condenam também a outros, que agora difundem opiniões judaicas: que antes da ressurreição dos mortos os piedosos tomarão posse do reino do mundo, sendo os ímpios subjugados em toda a parte*”. E a exegese científica moderna tem radicalizado ainda mais a rejeição da concepção de um milênio.
- d) Entre as muitas interpretações revolucionárias do milênio, destacam-se as de Thomas Müntzer e dos anabatistas do tempo da reforma, que defendiam a tese de que era seu dever instaurar o milênio pelo uso da força militar. Destaque-se também a interpretação secularizada do neomarxista Ernst Bloch, que falava, em analogia com Joaquim de Fiore (veja acima), nu-

⁶ Uma outra paralelidade pode ser constatada entre Ap 11,1-13 e os acontecimentos de Ap 12,1-14,5.16,19. Tanto aqui como lá é oferecido ao enviado de Deus um tempo de proteção de 1260 dias (cf. 11,3 com 12,6). Este tempo corresponde exatamente aos 42 meses de atuação da tirania anticristã da besta (cf. 11,2 com 13,5).

ma terceira era da história mundial, na qual não haveria mais diferenças de classes sociais.

- e) Entre os poucos que mantiveram a expectativa de um milênio viva encontra-se a tradição do Pietismo. Na ótica pietista, o milênio deve ser entendido como reino messiânico, no qual o povo de Israel será novamente reunido e os povos farão uma peregrinação a Jerusalém, onde o messias rei governa. O milênio deve ser entendido a partir do pano de fundo das profecias messiânicas do AT.⁷ Espera-se uma enorme renovação espiritual para estes dias⁸, bem como a existência de um estado paradisíaco de coisas⁹. Parte-se da constatação de que o NT parece conhecer um reino de Cristo, diferente do Reino de Deus Pai (Mt 13,41-43 e 1 Co 15,24-27). Na visão do pietista Gerhard Maier, o sentido do milênio reside em 3 pontos: a) Trata-se de uma demonstração terrena da vitória de Cristo sobre o poder do mal, justamente no lugar – terra – onde ele atuava; b) Trata-se de uma revelação visível da comunidade e de sua fé perante o mundo; c) Trata-se de uma demonstração do poder de Deus, em cujas mãos está o estabelecimento de tal reino terreno.¹⁰
- f) A discussão em torno do milênio e dos acontecimentos apocalípticos em torno do milênio adquiriu dimensões colossais e provocou grandes disputas justamente em círculos de teólogos conservadores. Entre os principais modelos de interpretação encontramos os seguintes:

f1. O pré-milenismo histórico (Quiliasmo)

Este ensina que Cristo voltará ainda antes dos dias do fim para estabelecer seu reino futuro sobre os povos por um período de 1000 anos. Sua volta ocorrerá *antes* do milênio (por isso: premilenismo). Este reino será teocrático, sendo que todos os povos serão subjugados e os santos que ressuscitaram na 1. ressurreição reinarão com ele.

f2. O posmilenismo

Este ensina um milênio futuro nos últimos dias da história. A vinda de Cristo ocorrerá apenas *depois* deste milênio, instaurando assim a consumação eterna, e não um reino terreno. Este período antes da 2. vinda de Cristo será um tempo de paz e prosperidade geral, no qual a Igreja alcançará seus objetivos no mundo.

f3. O amilenismo

Este ensina que a igreja não espera uma “era de ouro” futura sobre a terra. O reinado que Cristo exerce na história se limita à dimensão espiritual, à vida do indivíduo ou à vida da Igreja, não estendendo-se à política do mundo. O fim não trará, por isso, nenhum milênio, mas o fim acontecerá quando Cristo voltar para o juízo e para a ressurreição dos mortos, instaurando assim o seu reino eterno.

f4. O premilenismo dispensacionalista

A visão dispensacionalista¹¹ pressupõe o modelo interpretativo premilenista e o apresenta na forma de um sistema fechado. A história da humanidade é vista como uma seqüência de eras ou épocas, chamadas de *dispensações*, nas quais o ser humano é testado con-

⁷ Cf. Am 9,11s; Mq 4,7s; 5,1; Is 9,5s; Jr 23,3-6; 33,14-16.19-22; Ez 37,21-28.

⁸ Is 4,2-6; 10,20-27; 11,9; Jr 31,31-34; 50,4; Ez 36,26-31; 37,11-13; Os 3,4s; Zc 12,10.12; 13,1.8s.

⁹ Cf. Is 2,4; 11,6ss; 30,26; 35,3-10; 65,17-25; M1 4,3ss; Os 2,18s; Ez 36,8-11.

¹⁰ Gerhard MAIER, *Die biblische Zukunftserwartung*, em: G. Maier (Ed.). *Zukunftserwartung aus biblischer Sicht. Beiträge zur Eschatologie*, p. 52-67.58s.

¹¹Cf. Hans SCHWARZ, *Jenseits von Utopie und Resignation. Einführung in die christliche Eschatologie*. Wuppertal; Gießen, 1991p. 206-209.

forme determinados aspectos da vontade revelada de Deus. Em cada uma das vezes o ser humano falha, é então julgado por Deus e confrontado com uma espécie de nova aliança que Deus faz com ele. Existem 7 eras ou dispensações: a era da inocência (no paraíso); a era da consciência (até o dilúvio), a era do domínio humano (até a torre de Babel), a era da promessa (desde Abraão), a era da lei (desde Moisés), a era da graça (desde Cristo) e o Reino (o milênio vindouro). A era da graça finda com a vinda insível de Cristo para a sua igreja (arrebatamento), tanto para os vivos, quanto para os mortos em Cristo (1. ressurreição, parcial). Neste sentido, os cristãos estarão livres dos tormentos dos últimos dias. Para cristãos dispensacionalistas o *arrebatamento* da Igreja é um tema de central importância, e Hal Lindsey é um dos representantes conhecidos desta concepção.

Em torno do tema “arrebatamento” houve entre os dispensacionalistas acirradas discussões, sendo que há entre eles vários modelos de compreensão do mesmo:

- a) O arrebatamento acontecerá **antes da tribulação** dos dias finais, sendo que ocorrerá exatamente antes da septuagésima semana da qual fala o profeta Daniel em 9,27.
- b) O arrebatamento acontecerá **no meio da tribulação**, ou seja, exatamente no meio da septuagésima semana de Dn 9,27.
- c) O arrebatamento acontecerá **depois da tribulação**, ou seja antes ou junto com a 1. ressurreição, mencionada em Ap 20,4s.
- d) Haverá um **arrebatamento parcial**, pois haverá cristãos espirituais e carnis no fim dos tempos, sendo que apenas os cristãos espirituais serão arrebatados, enquanto que os carnis terão que se expôr às provações do fim dos tempos.

Além disso fazem parte desta concepção os seguintes enfoques: Um período de 7 anos iniciará na terra, no qual serão fechados acordos internacionais de paz, os quais incluirão a proteção de Israel como nação. Estes 7 anos são denominados de “o tempo do empenho de Jacó”, os quais sobram dos 70x7 ou 490 anos em que Israel se encontrava abaixo do juízo, e que haviam durado apenas 483 anos. No transcorrer destes 7 anos o Anticristo se levantará e afirmará ser o Messias. Ele organizará um mercado internacional por ele controlado e perseguirá os judeus, pelo fato de eles se negarem de adorá-lo. Cristo aparecerá com sua igreja e com miríades de anjos, afim de derrotar o Anticristo e seus comparsas. Ele prenderá a Satanás por 1000 anos e instaurará o Reino dos 1000 anos sobre a terra, reativando assim o trono de Davi e o domínio da sua igreja. A nova Jerusalém será visível em todo o cosmos e fluatuará por sobre a terra. Após os 1000 anos a humanidade pecadora rejeitará este período de paz forçada e de progresso e seguirá novamente a Satanás, que terá sido novamente solto e lutará para derrubar a cidade celestial. Sua revolta será, contudo, esmagada. Então seguirão a ressurreição universal (2. ressurreição), o juízo final, a renovação dos céus e da terra, bem como a irrupção da eternidade.

Problemas destas concepções: Tal descrição detalhada do futuro apresenta características interessantes. *Fatos da nossa história terrena são entrecruzados e identificados com as profecias.* O estado caótico do mundo permitirá a previsão exata da fase em que o plano de Deus se encontra. Por isso, toda catástrofe é bem vinda por estes dispensacionalistas, pois é vista como anúncio da breve vinda de Cristo. *Todos os modelos apresentados, embora possuam uma base bíblica maior ou menor, acabam por reduzir o conteúdo da escatologia bíblica.*

Regra básica para a interpretação destes temas: A escatologia bíblica não pode ser reduzida à junção sistemática de passagens bíblicas. Ela é muito mais complexa. Uma análise exegética e sistemática sólida irá resguardar-se de defender o que poderíamos chamar de “**escatologia fechada**”, i.é, de tentar forçar as passagens bíblicas para dentro de uma concepção pré-moldada da escatologia. *Mais coerente com a diversidade e complexidade do testemunho bíblico é defender o que podemos chamar de **escatologia aberta**, i.é, uma escatologia bíblica que não está presa à esquemas pré-moldados, mas que está aberta para que Deus dirija o fluxo dos acontecimentos de acordo com a sua soberania.* Esquemas biblicistas fechados na escatologia conduzem à segmentação do cristianismo e à polarização doutrinária intra- e interdenominacional. Uma escatologia sadia primará por levar a sério a totalidade do testemunho bíblico, sem se arrogar ao direito de definir *como* exatamente as diferentes passagens bíblicas estão interrelacionadas entre si, e sem cair no erro de criar uma seqüência fixa e inequívoca dos acontecimentos. Se levado a sério, o testemunho bíblico deixa apenas claro, *o que* o futuro nos trará, mas não *como* os muitos acontecimentos futuros irromperão. Neste sentido há apenas algumas pistas básicas dadas pelo NT, sem que se possa harmoniza-las de forma satisfatória.

→ 2 ilustrações:

- a) As duas linhas da expectativa judaica em torno da pessoa e obra do Messias
- b) O quebra-cabeça de 5000 peças

Como avaliar estas posições? Em primeiro lugar, chama à atenção o seu caráter fortemente *especulativo* na tentativa de apresentar uma cronologia exata dos acontecimentos finais, ligando-os inclusive aos acontecimentos atuais da nossa história.

Sem querer nem poder dar uma resposta definitiva a esta complicada problemática, sejam feitas **algumas observações hermenêuticas quanto à interpretação de Ap 20,1-6**, que querem nos auxiliar a lidar com este texto de forma o mais sóbria possível, evitando os muitos abusos já cometidos na história com o mesmo:

- a) Pode-se falar ainda de “milênio” no sentido literal da palavra se os números do Ap são em sua maioria absoluta simbólicos? Não estaria o número 1000 querendo indicar um período longo, mas indefinido? Se isto confere, então é errôneo falar de milênio ou quiliassmo. Embora a posição pré-milenista pareça ter mais respaldo no texto do Ap, ela é justamente problemática por entender os 1000 anos literalmente. Se não se pode, contudo, falar de “milênio”, então também a posição amilenista tem o seu direito de existir. O seu problema reside, contudo, por sua vez, no fato de tender a negar completamente que haverá um período indefinido em que Cristo reinará com os seus.
- b) A intenção primária deste trecho é afirmar o domínio definitivo de Cristo e a vitória de seu reino.
- c) No texto, encontramos as seguintes afirmações:
 - a. Os que permaneceram fiéis a Cristo não permanecerão sob o poder da morte, mas irão reinar com Cristo;
 - b. *Como* este reinado será, não nos é descrito com nenhuma palavra. Neste sentido, é questionável se podemos simplesmente tomar profecias messiânicas do AT que falam de um reino terreno do Messias e relacioná-las de forma imediata com Ap 20,1-6, justamente porque nesta última passagem nenhuma profecia do AT é diretamente mencionada ou até retomada, como acontece em inúmeros outros casos, onde há no

- Apocalipse uma alusão expressa à textos do AT;
- c. O reino não será estabelecido por força humana, nem é possível determinar cronologicamente quando ele será estabelecido. Toda e qualquer tentativa neste sentido não encontra respaldo no texto;
 - d. Este reino *está ligado* de alguma forma à consumação final, sem que possamos determinar com exatidão *como* este reino e a consumação estão relacionados;
 - e. O tema do “reinar dos santos com Cristo” é mencionado também em 1 Co 6,2 e 15,24s (aqui como algo que acontecerá após a 2. vinda de Cristo – cf. 1 Co 15,23).
- d) O reino mencionado em Ap 20,1-6 corrobora com o todo da mensagem do Apocalipse, de que Cristo é o vitorioso e de que ele fará com que os que nele crêem participem de sua vitória.

2.5.4. A composição do Apocalipse de João – Panorama geral

Cap. 1: “escreve o que viste” – Introdução e visão do Cristo		
Cap. 2 e 3: “... as coisas presentes” – As 7 cartas às Igrejas da Ásia Menor		
Cap. 4,1-22,5: “as coisas que deverão acontecer” :		
Cap. 4+5: A visão do trono de Deus e o livro:		
<u>O lado externo do livro (índice) → cap. 6/7:</u>	<u>O conteúdo (I) → cap. 8-14</u>	<u>O conteúdo (II) → cap. 15-22</u>
Ap 6,3ss: julgamentos cósmicos (2.-4. selos)	Ap 8-11: Anúncio de juízo pelas trombetas	Ap 15+16: Execução do juízo (taças)
Ap 6,9ss: perseguição da comunidade (5. selo)	Ap 12-13: O senhorio do poder anticristão em sua ascensão	Ap 17+18: A queda da Babilônia como derrota do poder anticristão
Ap 6,12ss: Ira derramada sobre os reis (6. selo)	Ap 14: A vinda de Cristo e o juízo (anúncio)	Ap 19: Vinda de Cristo e juízo (execução)
Ap 7: Consumação		Ap 20-22: milênio, juízo universal, nova Jerusalém, novos céus e nova terra
Ap. 22,6ss: Conclusão e fecho do livro		

2.5.5. Os temas centrais do Apocalipse - um resumo

Se levarmos em conta a composição do livro de Apocalipse na interpretação, então teremos que concluir que o Ap quer nos confrontar basicamente com os seguintes fatos principais, que perfazem o centro de nossas esperanças cristãs quanto ao futuro:

- a) Ascensão e domínio do poder anticristão, perseguição e opressão da comunidade cristã (Ap 12s; anúncio no 5 selo (Ap 6,9ss) e em Ap 11,1-13).
- b) Julgamento ou juízo universal e cósmico (Ap 15+16; anunciado no derramar da 2. até a 4. taça (Ap 6,2ss) e no ressoar das trombetas em Ap 8-11).
- c) Queda e derrota da capital dos poderes anticristãos: Babilônia (Ap 17+18).
- d) A 2. vinda de Cristo e sua vitória (Ap 19; anunciada em Ap 6,2 e em Ap 14).
- e) O assim-chamado “milênio”, entendido em sentido simbólico, não-literal (Ap 20,4-6).
- f) A última revolução satânica e o juízo final (Ap 20,7-15).
- g) A Jerusalém celestial, os novos céus e a nova terra (Ap 21s).

2.6. Como interpretar o Apocalipse de João? Teses conclusivas

- a) O Apocalipse contém realmente *profecia futura* no sentido de um *anúncio de acontecimentos futuros*.¹² A exegese racionalista rejeitou este aspecto, cometendo um abuso em sua interpretação do Ap. Ele não pode ser visto apenas como expressão das esperanças apocalípticas de cristãos do séc. 1. O Apocalipse deve ser interpretado dentro do contexto maior da história da salvação, e neste sentido, como livro que faz parte do todo do cânon que inclui AT e NT.
- b) “Aquele que ama a volta do Senhor não é nem aquele que diz, que ela ainda está longe, nem aquele que diz, que ela está imediatamente às portas, mas aquele que a aguarda com fé sincera, esperança firme e amor ardente, independente se ela está próxima ou às portas” (Agostinho). O intérprete do Apocalipse deve encontrar o equilíbrio entre o presente e o futuro, não identificando as profecias muito rápido com seu presente, nem relegando-as apenas para um futuro distante e difuso. Cumpre manter a tensão escatológica encontrada no Apocalipse.
- c) O Apocalipse revela não apenas a essência dos últimos tempos, mas também *a essência da própria história*. Aquilo que acontecerá no final da história, irá acontecer dentro da história sempre de novo de forma paradigmática, mas sempre provisória e aberta a um futuro maior.
- d) A identificação de acontecimentos ou pessoas da atualidade com as visões do Apocalipse deveria ser evitada – basta ter em mente os grandes fracassos deste tipo de empreendimento durante a história da interpretação do Apocalipse. O Apocalipse não oferece uma cronologia dos acontecimentos finais que pudesse ser calculado pela mente humana, mas sim anúncio de um conjunto de acontecimentos finais, em meio aos quais Deus dirige o destino da história e de sua comunidade perseguida e atribulada.
- e) O Apocalipse é um livro de consolo para a comunidade perseguida. Ele mostra que a perseguição por causa da fé é algo típico na caminhada rumo ao fim da história. Ele anuncia também que é o Cordeiro de Deus quem tem os fios da história mundial em suas mãos. Ele será o vencedor final, e sua comunidade, em especial os que dentre dela sofrerem incluindo o martírio, participará de sua vitória.
- f) Também o Apocalipse é marcado pela **“focalização imprecisa”** que é característica da profecia bíblica. Assim como um observador postado no cume de um monte pode observar apenas os cumes de outros montes, não podendo distinguir claramente se o que vê faz parte de uma ou mais cadeias de montanhas, por ser a imagem por demais difusa, e não podendo, além disso, ter noção alguma dos muitos vales existentes entre o cume dos montes que vê, assim também acontece com a profecia bíblica. Ela não pode e nem quer informar a respeito da distância e dos “vales” históricos existentes entre os a-

¹² Exemplos: Predição de Elias (1 Rs 17,1); Anúncio do exílio babilônico (Jr 9,15; 13,17-19.24); Jesus anuncia a destruição de Jerusalém no ano de 70 (Mc 13,1s.14-17). Declarar tais predições ou anúncios proféticos de *vaticinium ex eventu* é, na verdade, uma *petitio principii*.

acontecimentos que anuncia. Neste sentido, os profetas viam em uma só e única visão acontecimentos relativos à sua própria época, misturados com acontecimentos da história posterior e também do fim dos tempos. O seu foco de visão é impreciso no que se refere à tempos e épocas. A perseguição sob Nero mistura-se no relato de João às muitas perseguições que acontecem na história e à perseguição escatológica final nos dias da besta. Típico para a realização histórica de fenômenos apocalípticos é o fato de que eles podem acontecer simultaneamente: Missão mundial, Perseguição e reavivamento, catástrofes naturais, sinais dos tempos, anarquia e crises etc, não acontecem numa ordem cronológica, mas podem acontecer simultaneamente. Na história encontramos a simultaneidade de acontecimentos do fim. Já este fato torna uma cronologia exata do fim impossível. Os sinais dos tempos não foram dados para servirem de base para cálculos, e sim, para produzirem uma atitude de contínua espera escatológica. Se levarmos em consideração tais observações, então poderíamos mencionar ainda outros modelos interpretativos:

- g) O modelo da *espiral*:** os anúncios de futuro contêm a estrutura de uma espiral, i.é anunciam uma cadeia de acontecimentos, a qual sempre está aberta para um futuro ainda maior, como a espiral, que nunca chega a fechar em círculo. Na profecia apocalíptica encontramos uma crescente repetição tipológica dos fatos durante o transcorrer da história. P. ex.: os reinos do mundo de Dn 2, os sinais dos tempos (Mt 24,3ss), o anticristo (1 Jo 2,18; 2 Ts 2,3s), as cartas às 7 igrejas da Ásia Menor (Ap 2 e 3). Trata-se de situações típicas de comunidades e igrejas, que sempre se repetem no transcorrer da história. Como numa espiral, eles devem ser vistos como expressão do plano de Deus e, ao mesmo tempo, devem permanecer abertos para um futuro maior.
- h) O modelo da *catarata*:** o fluxo ou rio da história conduz por uma constante variação entre águas mansas e quedas d'água. Cada aparição de épocas contendo características do fim dos tempos é comparada à uma catarata, que produz rebuliços históricos. Tais fatos históricos podem ser expressão do fim, mas devem ficar em abertos para uma próxima catarata, que poderá ser mais intensiva.
- i) Os modelos de interpretação que vêem os acontecimentos do Apocalipse como estando relacionados com a história do séc. 1, com a história mundial e da Igreja em todos os tempos, e enfim, com os acontecimentos do fim, têm, todos eles, seu valor relativo, desde que não sejam isolados uns dos outros e desde que identificações apressadas entre profecia e história sejam evitadas. Isto significa também que os acontecimentos mencionados no Apocalipse não podem ser compreendidos como relativos apenas ao futuro no fim dos tempos. Tampouco é possível reduzir o conteúdo deste livro como se se relacionasse apenas aos acontecimentos do primeiro século, não contendo um real anúncio de futuro. Uma interpretação sóbria do Apocalipse levará em conta os momentos de verdade de boa parte dos métodos de interpretação, tendo como tarefa apenas evitar suas unilateralidades. Mais do que nunca ela estará**

atenta aos sinais que marcam os elementos fundamentais da estrutura básica do livro, dentro da qual ele quer ser interpretado em seus detalhes.

- j) O pano-de-fundo vetero-testamentário deve ser restritamente observado na interpretação, sem que se perca de vista que as profecias do AT foram cumpridas e ao mesmo tempo extrapoladas e superadas em Jesus Cristo, estando também abertas para o cumprimento visível e derradeiro no fim dos tempos.